



DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v10i1.209>

**AUTOIMAGEM DE CRIANÇAS NEGRAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL:
a psicologia de Kenneth B. Clark e Mamie Phipps Clark**

**BLACK CHILDREN'S SELF-IMAGE AND CHILD DEVELOPMENT: the psychology of
Kenneth B. Clark and Mamie Phipps Clark**

Giovani Meinhardt¹

Resumo: No ordenamento insano do racismo, as crianças identificam a própria cor de pele ao mesmo tempo que a rejeitam, expressando a impressão da realidade social nelas. O conflito psicológico instalado no desenvolvimento de crianças negras entre três e sete anos indica a estrutura abissal das mazelas sociais que as afetam. A idade precoce em que as crianças identificam e sentem preconceitos demonstra que a infância já apreende realidade, seja ela qual for.

Palavras-chave: Autoimagem. Experimento das bonecas. Infância. Inferioridade. Racismo.

Abstract: In the insane ordering of racism, children identify their own skin color while rejecting it, expressing the impression of social reality on them. The psychological conflict installed in the development of black children between three and seven years old indicates the abyssal structure of the social ills that affect them. The early age that children identify and feel prejudiced demonstrates that childhood already apprehends reality, whatever it may be.

Keywords: Self-image. Doll experiment. Childhood. Inferiority. Racism.

1 A PSICOLOGIA DO CASAL CLARK E A DEFICIÊNCIA CÍVICA

Ainda que as psicologias e fontes geradoras do mundo científico psi ainda sejam dominadas pelo eurocentrismo² e pensamento estadunidense branco, nos últimos anos emergiram gradativamente importantes contribuições interculturais no

seio das próprias nações imperialistas. As crescentes preocupações com os desassistidos, longe de esboçar a falência da produção intelectual ocidental sobre o assunto, reivindicaram seu lugar em diversos públicos, entre eles as comunidades negras. Markowitz e Rosner (1996, p. 18) contam que nos Estados Unidos.

¹ Doutor em Filosofia pela Unisinos. Psicólogo educacional e professor do Instituto Ivoti.

E-mail: giovani.meinhardt@institutoivoti.com.br

² Lembramos que o eurocentrismo não se refere aos países economicamente periféricos como, por exemplo, Albânia, Ucrânia ou Bulgária. O eurocentrismo privilegia aqueles países que são referenciados como o centro do mundo em diversos aspectos (econômicos, políticos e de outras variáveis de poder), tais como França, Alemanha, Holanda, Suécia, etc.

No final da guerra, dois jovens psicólogos com doutorado pela Columbia University, um professor assistente no City College de Nova York e outro psicólogo fazendo testes psicológicos na Riverdale Children's Association, decidiram tentar fazer algo sobre a falta de serviços para jovens problemáticos no Harlem.³

A falta de assistência psicossocial, notável no Harlem, bairro de Manhattan, conhecido como centro cultural e comercial dos afro-americanos, demonstrava que Nova Iorque dava as costas aos problemas dos que ali moravam. O casal de psicólogos, a saber, Kenneth Bancroft Clark e Mamie Phipps Clark, foram protagonistas da causa de uma população inteira, militando e peregrinando por toda a cidade, tentando abrir os ouvidos para todas aquelas comunidades que ainda não tinham recepcionado as vozes, sofrimentos e identidades das crianças e adolescentes do Harlem.

Kenneth Bancroft Clark e Mamie Phipps Clark abordaram quase todas as agências de serviços sociais na cidade de Nova York com uma proposta modesta. Eles pediram que as agências estabelecidas expandissem seus programas para fornecer trabalho social, avaliação psicológica e remediação para jovens no Harlem, uma vez que praticamente não havia serviços de saúde mental na comunidade.⁴ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 22).

A ampliação dos trabalhos sociais e psicológicos existentes no entorno do Harlem simplesmente não aconteceu. A assistência psicossocial disponível obedecia a uma particular topologia que não tocava no representativo espaço afro-americano da cidade. Tal atitude revelava entre seus limites estruturais uma negligência flagrante. Conforme Markowitz e Rosner (1996, p. 18) relataram em suas pesquisas.

Cada agência que explorara a proposta rejeitou-a, como Kenneth Clark mais tarde acusou, de “indiferença, insensibilidade e falta de compreensão do que estávamos tentando dizer”. [...] Os Clark “perceberam que não iríamos conseguir [uma clínica de orientação infantil] aberta dessa maneira. Então decidimos abrir nós mesmos”.⁵

Esse episódio não revela apenas um fato. As psicologias destituídas de voz não surgiram primeiramente no mundo acadêmico, mas urgiram de forma experimental nas necessidades sociais onde os líderes cívicos falharam. O jornal da época, denominado “Herald-Tribune”, enfatizou que os Clarks passaram grande parte do seu tempo ‘convencendo os líderes cívicos’ da necessidade da clínica”.⁶ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 22). O fato comprova-se quando a demanda clínica e educacional urgia assistência na década de 30 nos Estados Unidos, não havendo oportunidades concretas para grande parte da

³ “At the end of the war, two young psychologists with doctorate degrees from Columbia University, one an assistant professor at the City College of New York and the other a psychological consultant doing psychological testing at the Riverdale Children's Association, decided to try to do something about the lack of services for troubled youth in Harlem”.

⁴ “Kenneth Bancroft Clark and Mamie Phipps Clark approached nearly every social service agency in New York City with a modest proposal. They urged the established agencies to expand their programs to provide social work, psychological evaluation, and remediation for youth in Harlem, since there were virtually no mental-health services in the community”.

⁵ “Each agency they explored the proposal with rejected it, as Kenneth Clark later charged, with “indifference, insensitivity, [and] lack of understanding of what we were trying to say”. [...] The Clarks “realized that we weren't going to get [a child guidance clinic] opened that way. So we decided to open it ourselves”

⁶ “The Herald-Tribune emphasized that the Clarks had spent much of their time “convincing civic leaders” of the need for the clinic”.

população, sumamente negra, de vários subúrbios daquela nação, onde o Harlem era apenas uma delas. Sem nenhum tipo de ajuda dos órgãos governamentais, a origem do financiamento da clínica veio da própria família do casal. “Com uma modesta suíte de escritórios no térreo e sem fundos financeiros, exceto o pequeno empréstimo do pai de Mamie Clark, Northside ainda assim servia a sessenta crianças em seu primeiro ano”.⁷ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 20). Muito tempo depois, Milton Santos (2002, p. 149), ao escrever o artigo ‘Os deficientes cívicos’, afirmou que “Em cada sociedade, a educação deve ser concebida para atender, ao mesmo tempo, ao interesse social e ao interesse dos indivíduos”. As inúmeras dificuldades do casal Clark em materializar a instituição acolhedora que sonhavam atestam o quanto a autarquia da gestão de políticas públicas da época apenas progredia em seus focados interesses parciais, excluindo muitos outros.

Representantes de organizações de serviço social, como a Liga Urbana, a YMCA, a YWCA e a Sociedade de Serviço Comunitário, e ministros de algumas igrejas locais disseram aos Clark que a proposta deles era desnecessária porque, afinal, essas organizações já estavam cuidando disso.⁸ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 18).

Destarte, durante o final da década de 1930, o casal Clark investigou os efeitos psicológicos da segregação em estudantes negros, especialmente em relação aos desdobramentos e qualificações da autoimagem através do ‘experimento das

bonecas’. O casal Clark lutou por um espaço que respondesse à extrema carência de respostas para as conclusões que o agora célebre experimento revelou. Cristalizava-se a necessidade de uma psicologia negra e aberta para múltiplas exclusões. Lentamente, Bertha Holliday (2005, p. 1) constatou que a “[...] preocupação com o aumento da inclusão de minorias étnicas e participação na psicologia organizada tornou-se uma das tendências mais notáveis durante o último quarto de século”.⁹ Essa supracitada tendência, desprezada pela influência dominante, alavancou fôlego através de iniciativas independentes, o que testemunha o des-caso social em massa para as questões raciais da época.

1.1 O experimento das bonecas

Os Clark decidiram pesquisar a apreensão das crianças em relação à raça. O percurso psicológico-científico investigou a inteligência infantil, contando com instrumentos lúdicos como recurso metodológico familiar a elas. Dessa forma, os psicólogos Kenneth e Mamie Clark criaram o ‘teste da boneca’, para estudar de forma prática o imaginário das crianças com referência às diferenças raciais. O objetivo do estudo visava a observar as atitudes e identificações das crianças tanto em relação à questão racial quanto a si próprias (autoconceito). A autoimagem na infância e sua possível consciência de raça era uma variável importante que poderia revelar não só qualificações sociais, mas o grau de

⁷ “With a modest ground-floor suite of offices and no funds except the small loan from Mamie Clark’s father, Northside nonetheless served sixty children in its first year”.

⁸ “Representatives of social-service organizations, such as the Urban League, the YMCA, the YWCA, and the Community Service Society, and ministers of a few local churches told the Clarks that their proposed initiative was unnecessary because, after all, these organizations were already taking care of it”.

⁹ “This concern with increasing ethnic minority inclusion and participation in organized psychology became one of the more notable trends during the past quarter century”.

estima das crianças. Ron Levant (2005, p. XII) reitera que o “[...] estudo pretendia medir a autopercepção de crianças afro-americanas em idade escolar”.¹⁰ O casal trabalhou com crianças entre três e sete anos de idade e usou em seu experimento quatro bonecas¹¹, todas de aparência idêntica, exceto pela cor da pele, que variava de branco a marrom-escuro.

O experimento desenvolvido pelo casal Clark demonstrou que as crianças tinham uma consciência manifesta de raça ao identificar corretamente as bonecas pelas nuances da pele com diminuta margem de erro ligada à fantasia.¹² As crianças participantes do experimento das bonecas também identificaram a si próprias quando solicitadas, indicando as bonecas que mais se pareciam com elas.

Foi demonstrado que em cada faixa etária, de três a sete anos, as crianças negras têm um conhecimento bem desenvolvido do conceito ou diferença racial entre 'branco' e 'de cor', pois isso é indicado pela característica da cor da pele – e que esse conhecimento se desenvolve mais definitivamente de ano para ano até o ponto de estabilidade absoluta aos sete anos de idade.¹³ (CLARK; CLARK, 1950, p. 341).

Para investigar a atitude das crianças em relação à raça, os Clark pediram a cada uma que classificasse as bonecas de acordo com atributos simples e entendíveis para idade evolutiva delas. Assim, o propósito objetivava apontar a boneca de que mais gostava ou com a qual gostaria de brincar, qual tinha uma cor bonita e qual era feia. O resultado, de acordo com o casal Clark, foi bastante preocupante: as crianças negras apresentaram uma clara preferência pelas bonecas brancas e preteriram as bonecas negras – atitude que pôde ser interpretada como uma autorrejeição de profundas raízes históricas. Esse estudo também foi confirmado pelo desenho da autoimagem aplicada pelo casal Clark, concluindo

[...] que aos sete anos a criança negra não pode escapar da auto identificação realista, mas muitas delas indicam uma clara preferência pelo branco e algumas delas evidenciam conflito emocional (respostas bizarras) quando solicitadas a indicar um preferência de cor.¹⁴ (CLARK; CLARK, 1950, p. 349).

O experimento da boneca do casal Clark, feito no final da década de 1930 e início da década de 1940, mostrou que crianças negras de escolas que eram

¹⁰ “Their study was intended to measure the self-perception of school-age African American children”.

¹¹ “As bonecas, por sinal, foram compradas por 50 centavos de dólar por peça na rua Woolworth’s, 125, no Harlem. Isso foi na década de 1940 e esta loja na Woolworth era um dos poucos lugares na cidade onde você poderia comprar bonecas pretas” (LEVANT, 2005, p. xii). “The dolls, by the way, were purchased for 50 cents a piece at Woolworth’s on 125th street in Harlem. This was in the 1940s and this Woolworth store was one of the few places in the city where you could buy black dolls”.

¹² “Há um aumento geral, com a idade, do percentual de sujeitos que fazem a identificação racial correta em função da própria cor da pele. As respostas de fantasia diminuem com a idade. As respostas irrelevantes ou de fuga diminuem acentuadamente com a idade, desaparecendo no nível de sete anos”. (CLARK; CLARK, 1950, p. 343). “There is a general increase, with age, in the per cent of subjects who make correct racial identification in terms of their own skin color. Phantasy responses decrease with age. Irrelevant or escape responses decrease sharply with age, disappearing at the seven-year level”.

¹³ “It has been shown that at each age level from three years thought seven years, Negro children have a well-developed knowledge of the concept or racial difference between ‘white’ and ‘colored’ as this is indicated by the characteristic of skin color – and that this knowledge develops more definitely from year to year to the point of absolute stability at the age of seven”.

¹⁴ “[...] that by the age of seven the Negro child cannot escape realistic self-identification, but many of them indicate a clear-cut preference for white and some of them evidence emotional conflict (bizarre responses) when requested to indicate a color preference”.

segregadas muitas vezes preferiam as bonecas brancas, sinal de que elas haviam absorvido de forma senciante o preconceito dominante em seus contextos vividos. Dessa forma, “[...] a criança negra, aos cinco anos de idade, está ciente do fato de que ser de cor na sociedade americana contemporânea é uma marca de status inferior”.¹⁵ (CLARK; CLARK, 1950, p. 350). Salientamos aqui o aspecto senciante porque as crianças muito pequenas ainda não têm vestígios de introversão para ponderarem através de uma crítica do juízo.

Os Clark e a “[...] experiência da boneca mostraram que as crianças negras em escolas segregadas eram mais propensas a se verem como inferiores”.¹⁶ (LEVANT, 2005, p. xii). De acordo com o preconceito influente observado pelos psicólogos Kenneth e Mammie Clark, também podemos interpretar aqui um desejo de inclusão das crianças negras em um mundo negado (de instituições), já que suas escolas estavam separadas devido à sua condição racial. “Os Clarks concluíram que tal rotulagem de crianças negras foram provas de uma pobre autoimagem do que era um resultado direto da segregação”.¹⁷ (ALSBROOK, 2005, p. v). Esta autoimagem vulnerável foi construída socialmente muito antes dessas crianças nascerem e sua carga histórica e política atravessava suas famílias e todo espaço de vida. Em suas distâncias espaciais com outras realidades, tal segregação ligada à pobreza ou à cor afeta diretamente o psiquismo. “O psíquico, como tal, sempre tem um aqui, porque é intrinsecamente espaço, espaço vivido”.¹⁸ (ARDAO, 1983, p. 53, grifo do autor). Isto é, o racismo se

materializou fisicamente, ordenando uma topologia de circulação humana segregada: brancos de um lado e negros de outro.

Em uma outra versão do teste da boneca, tanto o aqui como o agora novamente se revelaram cronicamente preocupantes. Porém, nessa variante do experimento, o casal Clark utilizou apenas duas bonecas, uma branca e outra marrom. O relato do próprio Clark (apud GERRIG; ZIMBARDO, 2005, p. 34, grifo do autor) para essa pesquisa segue abaixo:

Entre as crianças de seis a nove anos que testei, em um total de 16, dez escolheram a boneca branca como sendo sua favorita, aquela da qual gostavam. Dez delas também consideraram a boneca branca como a “legal”, e acho que os senhores não devem perder de vista que essas duas bonecas eram absolutamente idênticas em todos os aspectos, com exceção da cor da pele. Onze dessas 16 crianças escolheram a boneca marrom como aquela que parecia má. Esse dado está de acordo com os resultados anteriores que havíamos obtido ao testar mais de 300 crianças. Interpretamos tais resultados como indicativos de que as crianças negras aceitam, já aos seis, sete ou oito anos, os estereótipos negativos sobre seu próprio grupo.

A informação relevante para a psicologia do desenvolvimento, de acordo com as conclusões do casal Clark, situa-se na consciência da interação da autoimagem de uma criança, já aos seis anos, com seu contexto. A criança percebe a qualificação de sua interação relacional e contextual, que varia entre muitos graus de aceitação

¹⁵ “[...] *the Negro child, by the age of five is aware of the fact that to be colored in contemporary American society is a mark of inferior status*”.

¹⁶ “[...] *doll experiment showed that black children in segregated schools were more likely to see themselves as inferior*”.

¹⁷ “*The Clarks concluded that such labelling by Black children was evidence of poor self-image that was a direct result of segregation*”.

¹⁸ “*Lo psíquico, en cuanto tal, posee siempre un aquí, porque es intrínsecamente espacio, espacio vivido*”.

e separação. Essa interação social imprime psicologicamente modelos e padrões que podem se tornar duradouros na mente da criança. Dentro dos padrões que potencialmente se cristalizam no psiquismo de crianças tão pequenas está a convicção de preconceitos, hábitos de julgamentos depreciativos e generalizações falsas sobre raça. O lugar-comum das ideias que permeiam a sociedade e habitam uma família atingem a criança como um padrão básico de ser, isto é, instalam-se como um modo de vida. Clark (apud GERRIG; ZIMBARDO, 2005, p. 34, grifo do autor) segue suas análises científicas sobre a autoimagem infantil ao afirmar:

As conclusões que fui forçado a tirar foram de que essas crianças [...], assim como outros seres humanos que são submetidos a um status obviamente inferior na sociedade em que vivem, foram definitivamente prejudicadas no desenvolvimento de suas personalidades; que os sinais de instabilidade em suas personalidades são claros e penso que qualquer psicólogo os aceitaria e interpretaria dessa forma.

O imposto status psíquico inferior reverbera incessantemente no desenvolvimento infantil, produzindo defesas psicológicas que evitam ou minimizam o sofrimento. As proteções reais e imaginárias corroboram um padrão de insegurança e refúgio subjetivo. A “[...] fantasia assume diferentes formas em diferentes idades. Na infância, a ilusão é simples - a criança pode fingir que é realmente branca”.¹⁹ (CLARK, 1965, p. 64). O autoprocesso de negação desenvolve-se paralelamente com a

formação do próprio eu. O status inferior já não representa exclusivamente um delegado status social, mas uma potente e automática autoatribuição de concreto rebaixamento: inferioridade e negação de si. Essa negação não é uma autoria egóica, mas o resultado interpsíquico de anomalias de padrões sociais

Crianças de apenas três anos de idade já escolhem as bonecas parecidas com elas. Essas mesmas crianças também já podem colorir imagens de acordo com a própria cor de pele.

Quando crianças negras de até três anos de idade são mostradas em bonecos de aparência branca ou negra ou pedidas para colorir fotos de crianças parecidas com elas mesmas, muitas delas tendem a rejeitar as bonecas de pele escura como ‘suja’ e ‘más’ ou para colorir a imagem de si com uma cor clara ou um tom bizarro como o roxo.²⁰ (CLARK, 1965, p. 64-65).

Várias crianças de três anos estudadas pelo casal Clark negam a própria imagem. A negação projetada e sentida configura-se em patologia social, que reflete diretamente no desenvolvimento infantil, ou seja, o macro atingindo a inocência do micro, a saber, os indivíduos. Além da fantasia, a criança blinda-se da atribuível crença de inferioridade racial ao bloquear integralmente os sentimentos saudáveis em si e para si mesma. Diante disso, Clark (1965, p. 75) afirma: “Insensibilidade é um dispositivo de proteção”.²¹ Deste modo, crianças que aparentam indiferença ou falta de sentimentos na verdade ergueram muros de contenção para não sofrerem mais. A defesa imaginária aos poucos cede lugar à realidade, associando a

¹⁹ “[...] *fantasy takes different forms at different ages. In childhood the delusion is a simple one – the child may pretend that he is really white*”.

²⁰ “*When Negro children as young as three years old are shown white- and Negro-appearing dolls or asked to color pictures of children to look like themselves, many of them tend to reject the dark-skinned dolls as “dirty” and “bad” or to color the picture of themselves a light color or a bizarre shade like purple*”.

²¹ “*Insensitivity is a protective device*”.

autoimagem aderida à autoestima baixíssima.

A discrepância entre identificar a própria cor e indicar a preferência de cor é grande demais para ser ignorada. A negação ou a cor, marrom, existe na mesma complexidade de atitudes em que também existe o conhecimento do fato de que a própria criança deve ser identificada com aquilo que ela rejeita. Isso aparentemente introduz um conflito fundamental no próprio fundamento da estrutura do ego.²² (CLARK; CLARK, 1950, p. 350).

Todavia, o que significa a identificação de crianças de três anos de idade com bonecas ou desenhos? As conclusões vão muito além dos experimentos do casal Clark. A identificação correta da autoimagem demonstra que as crianças de três anos de idade já apresentam consciência suficiente de si, de suas famílias e de eventos múltiplos que possam estar acontecendo. Ainda, apreenderam sua autoimagem, verificando semelhanças, diferenças e principalmente sentindo preconceitos advindos de outros. Com o passar das idades, a identidade se refina mais e aos “[...] sete anos, a maioria das crianças negras aceitou a realidade de que elas são, afinal, de pele escura. Mas o estigma permanece; eles foram forçados a se reconhecerem como inferiores”.²³ (CLARK, 1965, p. 65). O problema não é a pele, mas a carga social doentia depositada nela. A aceitação de inferioridade alcança uma amplitude além da pele ao abarcar inúmeros estigmas referentes à cor da pele.

A falta de constância na personalidade das crianças pesquisadas

reporta à ambivalência de sua autoimagem, ora sentindo inferioridade, ora tentando se afirmar de forma sadia ao assumir a própria imagem. A insegurança, incerteza e conflito concernentes à autoafirmação das crianças negras deve-se tanto à aparente desvantagem socialmente impressa de si mesmas quanto ao possível desejo de ser outro (branco). Este desejo de ser um outro comporta a tensão da autorrejeição e a busca de uma aceitação social. Subjacente à autoafirmação de inferioridade está uma inventada falta, definida pela sociedade como a ausência de um modelo de vida branco para viver, isto é, escancara-se uma verdadeira genealogia do racismo. Essa falta ontológica define o tom da personalidade socialmente aceita: branca e talvez ‘bem-nascida’.

Os Clark estavam convencidos do prejuízo da personalidade de crianças segregadas. Para eles o apartheid social visível ou invisível reflete no psiquismo infantil porque ele, o preconceito, é primeiro senciante. As crianças absorvem os preconceitos raciais e depois, internalizando-os em uma miríade de atributos negativos, os confundem como se fossem autoatributos. A psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento infantil extraem importantes questões a respeito das impressões modelares da sociedade. Logo, Kenneth e Mamie Clark, após suas pesquisas “[...] procuraram convencer a psiquiatria e a psicologia a incorporar raça e etnia com mais rigor em seus paradigmas”. (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 65).²⁴ Uma das questões prementes dessa preocupação

²² “The discrepancy between identifying ones own color and indicating ones color preference is too great to be ignored. The negation or the color, brown, exists in the same complexity of attitudes in which there also exists knowledge of the fact that the child himself must be identified with that which he rejects. This apparently introduces a fundamental conflict at the very foundation of the ego structure”.

²³ “By the age of seven most Negro children have accepted the reality that they are, after all, dark skinned. But the stigma remains; they have been forced to recognize themselves as inferior”.

²⁴ “[...] they sought to convince psychiatry and psychology to incorporate race and ethnicity more rigorously

é: quais as fontes das impressões negativas em relação a outras raças? Ou, como o próprio Clark (apud ALSBROOK, 2005 p. III) pergunta: “Que tipo de ser humano pode permanecer imparcial enquanto observa a desumanização de outros seres humanos?”²⁵ Essa pergunta congrega o problema do preconceito e racismo como desafio de todos, independente da raça ou da cor.

1.2 Identificando o preconceito

O casal Clark procurou entender o que influenciava o preconceito nos Estados Unidos e concluiu que, à medida que aprendem a avaliar as diferenças raciais de acordo com as interações da sociedade, as crianças são obrigadas a se identificar com determinado grupo e/ou contexto. As identificações das quais as crianças estão imersas organizam-se de forma polarizada com muitas gradações dicotômicas da realidade: branco e preto, bom e mal, superior e inferior, real e irreal etc. Indubitavelmente, como escreveu Feyerabend (2006, p. 34) “Grandes subdivisões, como a de real/irreal, são demasiado simplistas para capturar as complexidades do nosso mundo”.

A imensa palheta de autoatributos ou autoprocessos referentes à estima de si se reorganizam de forma a julgar o termo branco constelado com outras apreciações aderentemente positivas. De forma contrária, a disposição e construção da ontologia negra forma a outra polaridade do sistema: inferior, deficitário, instável e solvente. O julgar infantil na verdade denota o julgamento e a concepção social que adentra as crianças como imposição impressora de suas

mentes. Jordan e Hernandez-Reif (2009, p. 389) concluíram que “Os resultados gerais dos estudos conduzidos pelos Clarks ilustraram que as crianças negras criadas na década de 1930 preferiam bonecas brancas e julgavam as bonecas brancas como superiores às bonecas duplicadas de cor de pele negra”.²⁶ Essa inteligência que julga e concebe não é propriamente infantil, refletindo uma espécie de inteligência social que julgou por elas.

As crianças negras que haviam escolhido a boneca branca mostravam estar cientes de que a sociedade americana da época preferia pessoas brancas; elas haviam internalizado essa realidade com toda a amálgama de julgamentos e concepções seriais fundidas. Mais que isso, a apreensão primordial de realidade demonstra que a primeira impressão que as crianças negras receberam foi a do preconceito enquanto experiência sociologicamente formativa. Sem nenhum tipo de razão rebuscada, a criança pensa “[...] com o peito, porque é o lugar do corpo com o qual se pensa no início e no fim”. (FIGUEIREDO, 2018, p. 7). Isto é, a criança tem uma inteligência senciente e só depois a razão ali se instala. “A criança, pouquíssimas semanas após o nascimento, inegavelmente faz uso de sua inteligência; mas ele não tem, até anos mais tarde, aquele uso especial da inteligência que chamamos de 'uso da razão’”.²⁷ (ZUBIRI, 2007, p. 83). Vale dizer aqui que a impressão de realidade acompanha a razão até o final e durante a vida temos muitas impressões de realidade.

into their paradigms”.

²⁵ “What kind of human being can remain detached as he watches the dehumanization of other human beings?”

²⁶ “The overall results of the studies conducted by the Clarks illustrated that young Black children raised in the 1930s preferred White dolls and judged the White dolls as superior to duplicate dolls of Black skin color”.

²⁷ “El niño, a las poquíssimas semanas de nacer, hace innegablemente uso de su inteligencia; pero no tiene, sino hasta años más tarde, ese uso especial de la inteligencia que llamamos ‘uso de la razón’”.

Inteligir e sentir constituem estruturalmente uma única faculdade, a saber, a inteligência senciente cujo ato de apreensão “[...] enquanto senciente é impressão; enquanto intelectual, é apreensão de realidade”. (ZUBIRI, 2011, p. LIV). Logo, inteligir é um modo de sentir e sentir é um modo de inteligir. Deste modo, “[...] impressão não só consiste em ser afecção do senciente, mas tem um momento intrínseco de alteridade [...]”. (ZUBIRI, 2011, p. 41). A impressão não é da criança, mas um momento exterior a ela. “Esta apreensão, enquanto é apreensão impressiva, é um ato do sentir”. (ZUBIRI, 2011, p. 49-50, grifo do autor). Remetendo para nosso contexto, a apreensão de realidade da criança negra é um momento do sentir que imprime a sociologia dinâmica nela, seja essa estrutura doentia ou não. Cabe dizer que crianças negras com apenas três anos de idade expressavam atitudes defensivas e conflitos similares às dos adultos de sua comunidade. Esta internalização alerta o quanto há de patogênese no funcionamento social e institucional. Essa patogênese circula em uma sociogênese bem definida: as crianças sentem os preconceitos vigentes. O preconceito reverbera tanto entre gerações quanto nas relações das classes sociais.

1.3 Determinantes

Os Clark concluíram que as atitudes de preconceito são determinadas por uma combinação de influências que

vinha de pais, professores, amigos, TV e imprensa²⁸. Embora possa ser raro um responsável deliberadamente ensinar os filhos a odiar outros grupos raciais, muitos deles transferem as atitudes sociais predominantes do contexto em que vivem através de seus próprios preconceitos. Clark percebeu a envergadura difusa do problema ao combinar racismo com opressão. Para ele os “[...] oprimidos nunca podem ter certeza se suas falhas refletem a inferioridade pessoal ou o fato da cor. Este conflito persistente e agonizante domina suas vidas”.²⁹ (CLARK, 1965, p. 12). Como as vidas são essencialmente comunicantes, saúde e doença circulam entre as gerações e são transmitidas de diversas formas não verbais. Na época, o jornal Tribune relatou os estudos dos Clark, compreendendo que “[...] a criança negra média... raramente é protegida dos efeitos nocivos do ambiente opressivo em que seus pais vivem”, resultam problemas psicológicos, e “uma sensação de frustração... é transmitida de uma geração para outra”.³⁰ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 21). Como exemplo, alguns pais brancos podem desencorajar seus filhos a brincar com colegas de outra raça, ensinando-os assim, de maneira implícita, a evitar crianças consideradas ‘diferentes’.

1.4 Demarcações de sofrimento

As múltiplas segregações também correspondem aos redutos residenciais. Morar em comunidade, mas separado da

²⁸ “Os meios de comunicação de massa - rádio, televisão, imagens em movimento, revistas e imprensa - penetram, de fato, invadem o gueto em comunicação contínua e inevitável, em grande parte unidirecional, e projetam os valores e aspirações, as maneiras e o estilo da maior sociedade dominada pelos brancos”. (CLARK, 1965, p. 12). “The mass media – radio, television, moving pictures, magazines, and the press – penetrate, indeed, invade the ghetto in continuous and inevitable communication, largely one-way, and project the values and aspirations, the manners and the style of the larger white-dominated society”.

²⁹ “The oppressed can never be sure whether their failures reflect personal inferiority or the fact of color. This persistent and agonizing conflict dominates their lives”.

³⁰ “[...] the average Negro child... is seldom safeguarded from the ill effects of the oppressive environment in which his parents live,” psychological problems result, and “a sense of frustration... is handed down from one generation to another”

sociedade como um todo, edifica camadas subjetivas e variegadas em seus residentes. A proximidade espacial, nesse caso, separa. De acordo com Clark (1965, p. 11), as “[...] dimensões subjetivas são ressentimento, hostilidade, desespero, apatia, autodepreciação e seu companheiro irônico, comportamento grandioso compensatório”.³¹ Os mecanismos psicológicos abundam face à discriminação social. Mecanismos psicológicos paralisadores, agressivos e de embotamento afetivo convivem juntos no funcionamento dinâmico de cada indivíduo. Entretanto, o sofrimento gerado pelos preconceitos não está situado ‘dentro’ de cada criança. Os reflexos desadaptativos são intersíquicos, atingindo também as crianças. Clark (apud MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 66) argumentou que “[...] a segregação, o preconceito e a discriminação, e seus concomitantes sociais, potencialmente prejudicam a personalidade de todas as crianças”.³² O desenvolvimento infantil separado reverte em dúvidas sobre verdade, lógica e justiça para todas as crianças e não apenas para aquelas partícipes de minorias. Uma escola ‘branca’ também está separada e negativamente ‘protegida’ da atualização da realidade (enquanto diferença e alteridade).

A despeito de toda rejeição sentida, Clark (1965, p. 11) identifica nas comunidades segregadas contrariedades afetivas que inspiram por mudanças, ou seja, “[...] dentro de sua patologia difusa existe uma surpreendente resiliência humana”.³³ Sobretudo, a resiliência não

significa a adaptação às pluralidades de guetos concretos ou imaginários, mas a resistência da realidade opressora e suas conseqüentes tentativas de soluções estratégicas para possíveis mudanças.

1.5 Demarcações de saúde

Os Clark também se debruçaram sobre os aspectos saudáveis que permitem um bom desenvolvimento infantil. Afinal, qual seria a concepção de saúde a ser desenvolvida para as crianças sumariamente discriminadas? Mamie Clark (apud MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 35) pensava

“[...] que uma parte crucial da vida das crianças, não importa o que aconteça, tem que ser um grau de segurança e aceitação, por parte de seus pais [...]. Nem todas, mas várias crianças têm segurança e são amadas e aceitas, para que possam se aceitar.”³⁴

O lastro familiar seguro, anuente e amável favorece a aceitação da criança. Obviamente, alguns contextos são incontornáveis, no sentido da incapacidade de as famílias externarem segurança devido à forte opressão.

Mamie Clark (apud MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 46) tinha uma concepção de saúde além do foco individual das crianças, concentrando-se na “[...] implementação de sua visão conjunta em uma busca particular de proporcionar segurança, estabilidade, motivação e experiências de sucesso para crianças e pais [...]”.³⁵ A família como parte integral das crianças urgia igualmente intervenções. Sem essa visão conjunta

³¹ “*The subjective dimensions are resentment, hostility, despair, apathy, self-depreciation, and its ironic companion, compensatory grandiose behavior*”.

³² “[...] *segregation, prejudice and discrimination, and their social concomitants potentially damage the personality of all children*”.

³³ “[...] *within its pervasive pathology exists a surprising human resilience*”.

³⁴ “[...] *a crucial part of children’s lives, no matter what happens, has to be a degree of security and acceptance, on the part of your parents [...]. Not everyone, but a number of children have security and they are loved and accepted, so they can accept themselves*”.³⁵ “[...] *implementing their joint vision in a particular seeking to provide security, stability, motivation, and experiences of success for children and parents [...]*”.

que incluía a sociedade e a família das crianças, o trabalho terapêutico e educacional com elas seria paliativo e temporariamente apaziguador.

1.6 *Northside Center*: uma instituição com predicados abertos

Desde muito cedo, ao estudar os subúrbios e guetos³⁶ dos quais sua clientela infantil provinha, os Clark perceberam que o problema não era o negro em si, nem sua família e muito menos o tratamento isolado de crianças de quaisquer outras raças excluídas. As paredes³⁷, por vezes não tão invisíveis dos guetos, são colônias de toda ordem, inclusive educacionais, restringindo o desenvolvimento infantil. “A verdade do gueto escuro não é meramente uma verdade sobre os negros; reflete o tormento e a angústia mais profundos da condição humana total”.³⁸ (CLARK, 1965, p. XXV). Muitas outras comunidades estavam na mesma situação de restrição espacial e psicológica dos guetos negros. As dimensões de tormento e angústia humanas amplamente percebidas entre os negros possibilitaram aos Clark o

alargamento da própria ótica de assistência e propósito.

O protótipo institucional protagonizado pelo casal Clark³⁹, denominado *Northside Center*⁴⁰, oportunizou a fundação de uma clínica de atendimento psicológico e assistencial para crianças segregadas. A instituição *Northside Center* foi objeto do imaginário social, que a julgou segundo uma lógica exclusivista assistencial. “Clara Rabinowitz, uma das primeiras assistentes sociais psiquiátricas voluntárias, foi originalmente ao *Northside Center* esperando atender crianças negras”.⁴¹ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 39). O centro de saúde para crianças negras não passava de uma mera suposição. Segundo a própria assistente social afirmou “Mamie me ajudou a entender que *Northside* não era uma clínica negra, mas que não conhecia a cor”.⁴² (RABINOWITZ apud MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 39). Causava surpresa que o orgulho na exclusividade não se instaurou em uma instituição protagonizada por pioneiros negros. A hospitalidade e assistência institucional estendiam-se para toda a área onde o centro se situava. “Era para incluir crianças de toda a área do Harlem,

³⁶ “Os guetos escuros são colônias sociais, políticas, educacionais e, acima de tudo, econômicas. Seus habitantes são povos subordinados, vítimas da ganância, crueldade, insensibilidade, culpa e medo de seus senhores. (CLARK, 1965, p. 11).

³⁷ Clark (1965, p. 196) ao falar sobre a segregação qualificava as barreiras sociais como “parede invisível”.

³⁸ “The truth of the dark ghetto is not merely a truth about Negroes; it reflects the deeper torment and anguish of the total human predicament”.

³⁹ “Nenhuma outra clínica de saúde mental na cidade era chefiada por profissionais negros com credenciais que correspondessem aos dos Clarks”. (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 19). “No other mental-health clinic in the city was headed by black professionals with credentials matching those of the Clarks”.

⁴⁰ “O programa da *Northside* foi voltado tanto para a comunidade profissional quanto para as próprias crianças. Introduziu nas ciências sociais e na literatura psicológica uma atenção à raça e ao racismo como forças que moldam todas as experiências das crianças, das crianças negras, especialmente de formas profundamente destrutivas, e que a integração racial poderia ser um fator poderoso na cura das feridas profundas do racismo”. (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 54). “*Northside’s program was aimed as much at the professional community as at the children themselves. It introduced into the social science and psychological literature an attention to race and racism as forces that shape all children’s experiences, of black children, especially, in profoundly destructive ways, and that racial integration could be a powerful factor in healing the deep wounds of racism*”.

⁴¹ “Clara Rabinowitz, one of the first volunteer psychiatric social workers, originally went to the *Northside Center* expecting to serve black children”.

⁴² “Mamie helped me understand that *Northside* was not a black clinic but one that knew no color”.

e o Harlem tinha historicamente abrigado italianos americanos, judeus americanos, alemães americanos, irlandeses americanos, porto-riquenhos e afro-americanos”.⁴³ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 39).

A instituição Northside Center não tratava a conexão racial como um predicado teórico aplicado em crianças que, por sua vez, praticariam de forma intercultural ou interracial algum aprendizado em seus relacionamentos. A prática de integração racial e cultural não representava uma instância de segundo grau, mas de primeiro grau, isto é, os próprios funcionários eram constituídos por equipes étnicas mistas⁴⁴. A “[...] chave para o sucesso do tratamento não era se o terapeuta individual era branco, negro ou hispânico; o sucesso do tratamento foi uma consequência da natureza interracial da equipe que trabalha com o paciente e a família”.⁴⁵ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 54). A compreensão do trabalho com crianças estendido para as famílias resgatava as dimensões reais do ambiente familiar em seus singulares

aspectos culturais. O trabalho educativo e terapêutico levava em alta conta a questão das raças, trasladando o próprio idioma. Devido à demanda de latino-americanos, os “[...] Clarks gradualmente adicionaram pessoal de língua espanhola a cada departamento”.⁴⁶ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 38). O atendimento de crianças cuja língua materna era o espanhol atestou o caráter intercultural da clínica, cujo idioma também era desde cedo dominado pelo psicólogo Kenneth Clark⁴⁷. Todavia, os Clark não esqueciam que a criança é uma pessoa em primeiro lugar. As respostas às demandas sociais outrora excluídas poderiam não só abordar questões raciais. Para Kenneth Clark, uma

[...] clínica eficaz é aquela em que cada grupo profissional procura competentemente uma solução do importante problema de como podemos ajudar uma criança. Nós não temos as respostas prontas. Cada criança é um ser humano individual. Devemos procurar entendê-lo e respeitá-lo como tal.⁴⁸

⁴³ “It was to include children from the entire Harlem area, and Harlem had historically been home to Italian Americans, Jewish Americans, German Americans, Irish Americans, Puerto Ricans, and African Americans”.

⁴⁴ “Mamie Clark especulou que a variável crítica era a motivação da equipe: “Pode-se inferir que as equipes étnicas mistas proporcionam uma maior estimulação intercultural e, possivelmente, maior motivação por parte dos membros da equipe” (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 54).

⁴⁵ “[...] the key to successful treatment was not whether the individual therapist was white, black, or Hispanic; successful treatment was a consequence of the interracial nature of the team working with the patient and the family.”

⁴⁶ “The Clarks gradually added Spanish-speaking staff to each department”.

⁴⁷ O idioma espanhol era dominado por Kenneth Clark desde sua infância, quando imigrou para os Estados Unidos. “Falando inglês e espanhol, Kenneth era conhecido por crianças afro-americanas e irlandesas em seu novo bairro como “Spanie”. Ele frequentou uma escola primária predominantemente branca com crianças irlandesas do bairro, crianças judias do lado oeste e um punhado de jovens afro-americanos. A equipe da escola esperava um desempenho de todos os alunos, preto ou branco. Na verdade, Kenneth Clark não “lembra que a cor é um fator para o relacionamento dele com os colegas, até a quinta série. (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 24-25). “Speaking both English and Spanish, Kenneth was known by both African-American and Irish children 24-25 in his new neighbourhood as “Spanie”. He attended a predominantly white elementary school with Irish children from the neighbourhood, Jewish children from the West Side, and a handful of African-American youngsters. The school staff expected performance from all students, black or white. In fact, Kenneth Clark doesn’t “remember color being a factor ni [his] relationship with [his] classmates, up through the fifth grade”.

⁴⁸ “An effective clinic is one in which each professional group gropes competently toward some solution of the important problem of how can we help a child. We do not have the answers ready made. Each child is an individual human being. We must seek to understand him and respect him as such”

(MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 74).

Isso diz respeito não só à família da criança atendida, mas também sobre a qualidade da interação institucional da clínica com as comunidades assistidas. O atendimento das famílias era um aspecto tão importante quanto a saúde da própria instituição, já que a clínica Northside Center cuidava de seus próprios funcionários em um ambiente não hierárquico⁴⁹. “Os Clarks e a equipe promoveram uma cultura de “compromisso e carinho” que foi, em última análise, tão central para o tratamento das crianças quanto à qualidade do serviço, e ambas eram mais fundamentais do que credenciais profissionais e treinamento formal”.⁵⁰ (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 48). O que vemos nesse trecho abona, além da responsabilidade, o coração como ferramenta epistemológica reconhecida para a promoção da saúde.

2 BROWN CONTRA O CONSELHO EDUCACIONAL DE TOPEKA

A sinopse que Clark fez de sua pesquisa em 1950 insistia que a segregação estava prejudicando igualmente a personalidade de *crianças negras e brancas*. O

depoimento de especialistas em julgamentos vinculados ao caso *Brown contra o Conselho Educacional de Topeka*, de 1954 – em que a segregação racial em escolas públicas foi considerada inconstitucional –, contribuiu diretamente para o fim do ensino segregado e para o Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos.

A decisão da suprema corte foi muito influenciada pelo testemunho de psicólogos e outros cientistas sociais que apresentaram pesquisas sobre os danos psicológicos acarretados pela segregação das crianças negras em idade escolar. (GERRIG; ZIMBARDO, 2005, p. 34).

O desdobramento positivo do julgamento esteve atrelado a uma *pesquisa* de cunho social e psicológico que se tornou uma *prova*. Consoante Alsbrook (2005, p. III) o “[...] juiz Earl Warren escreveu que separar as crianças negras das brancas apenas por causa de sua raça gera um sentimento de inferioridade quanto à sua condição na comunidade que pode afetar seus corações e mentes de uma maneira improvável de ser desfeita”.⁵¹ A consideração jurídica foi baseada também nos estudos de Kenneth Clark⁵², comprovando que uma pesquisa sobre desenvolvimento

⁴⁹ O espírito não hierárquico do centro inicial alcançou todos os trabalhadores, sem considerar a descrição do trabalho. Mildred Stevens, esposa de Rutherford Stevens, um dos psiquiatras da equipe, começou como secretária e tornou-se gerente do escritório quando o centro mudou-se para a 110th Street. Ela lembra: “Eu nunca fui tão inspirada em toda a minha vida. Estou falando sério. E, de fato, senti que meus... seis ou sete anos em Northside foram a maior educação que tive em toda a minha vida por muitas razões”. Esse senso de propósito e comunidade, fundamental para a sobrevivência do centro em seus anos de formação, aliviaria algumas sérias tensões dos últimos anos”. (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 48). “*I was never so inspired in all my life. I’m serious. And as a matter of fact I felt that my... six or seven years at Northside was the greatest education I had in my whole life for many reasons*”. *This sense of purpose and community, critical to the survival of the center in its formative years, would allay some serious tensions of the later years*”.

⁵⁰ “*The Clarks and staff fostered a culture of “commitment and caring” that was, ultimately, as central to their treatment of the children as was the quality of service, and both were more fundamental than professional credentials and formal training*”.

⁵¹ “[...] Chief Justice Earl Warren wrote that separating black children from white “solely because of their race generates a feeling of inferiority as to their status in the community that may affect their hearts and minds in a way unlikely ever to be undone.”

⁵² As pesquisas do casal Clark atrelaram psicologia do desenvolvimento e política. Assim, os objetos de investigação propostos, à saber, “[...] raça e autoconsciência em crianças [...] foram a base do artigo sobre ciências sociais citado na famosa “nota de rodapé II” da Corte. (MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 90). “[...] *race and self-awareness in children, studies that were the foundation for the social-science brief cited in the Court’s now famous “footnote II”*”.

humano condiciona direções políticas salutares para a educação de uma sociedade.⁵³

3 PAPEL DA EDUCAÇÃO

Clark era um psicólogo social atento às exigências e valores da sociedade. Para ele a educação consistia em um dos principais pilares sociais. O papel da educação expandia as emoções muito além dos preconceitos adquiridos socialmente, produzindo caminhos novos e saudáveis. Clark focou o mundo infantil e “[...] demonstrou o impacto negativo da educação separada e desigual sobre as crianças negras”. (GERRIG; ZIMBARDO, 2005, p. 642). Essa desigualdade foi objeto de amplas reflexões sobre a importância da escola em uma comunidade e o quanto a educação poderia promover mudanças gradativas para a integração das camadas excluídas. Clark (1976, p. 23) afirmava que a “[...] educação é um meio para chegar mais além dos limites do imediato. Limitar o campo de visão das crianças é constranger sua imaginação e sua mente”.⁵⁴ O casal Clark interpretava os limites do imediato como a discriminação da cor da pele em detrimento do que cada pessoa é ou pode ser. Através da exclusiva percepção do ‘imediato’ (aparência ou cor da pele) os prejuízos no desenvolvimento de crianças e adolescentes são

construídos e sumamente fixados. O efeito da discriminação racial era percebido em ambos os lados, independente se as crianças eram brancas, negras, árabes, etc. Entretanto, para Clark (apud MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 101) os “Educadores” têm sido conspícuos por seu silêncio, ambiguidade ou equívoco sobre esta questão”.⁵⁵ Isto é, os Clark se preocupavam com a formação dos professores, considerando o exercício docente um ponto crucial para uma sociedade equânime. O conhecimento e intervenção no desenvolvimento psíquico desigual e a promoção de autoestima reportam ao exercício psicológico e docente.

Para Kenneth Clark (1965, p. 147) professores competentes têm confiança nas crianças e “[...] sem essa competência e confiança, as crianças não aprendem [...]”.⁵⁶ A confiança depositada nos estudantes denota uma autoatribuição do professor. A competência docente em confiar em cada indivíduo favorece a aprendizagem. As expectativas educacionais progredem porque são apoderadas de confiança, isto é, “[...] as crianças podem aprender quando se espera que elas aprendam”.⁵⁷ (CLARK, 1965, p. 148).

Além da autoatribuição de promoção de confiança nos estudantes, Clark acreditava que o professor competente desenvolve um bom vínculo com seus estudantes quando estabelece algum tipo de

⁵³ “No nível de sete anos, a criança negra parece estar desenvolvendo algumas ideias estabilizadoras que podem ajudar a resolver o conflito básico entre sua autoimagem racial e a avaliação social negativa de sua cor de pele. A idade precoce em que esse conflito existe e para a qual surgem mecanismos estabilizadores na tentativa de resolvê-los parece uma descoberta significativa não apenas para cientistas interessados no problema do desenvolvimento da personalidade, mas também para cientistas sociais interessados em problemas raciais e técnicas de ajuste racial”. (CLARK; CLARK, 1950, p. 350). “*By the seven-year level the Negro child seems to be developing some stabilizing ideas which might help to resolve the basic conflict between his racial self-image and the negative social evaluation of his skin color. The early age at which this conflict exists and for which stabilizing mechanisms appear in an attempt to resolve them seems a significant finding not only for scientists interested in the problem of personality development, but social scientists interested in racial problems and techniques for racial adjustment*”.

⁵⁴ “La educación es un medio para llegar más allá de los límites de lo inmediato. Limitar el campo de visión del niño es constreñir su imaginación y su mente”.

⁵⁵ “Educators “have been conspicuous by their silence, ambiguity, or equivocation on this issue”.

⁵⁶ “[...] without such competence and confidence, children do not learn”.

⁵⁷ “[...] children can learn when they are expected to learn”.

identificação e empatia. O desafio da identificação e empatia do professor está na origem plural dos estudantes; padrões emocionais e comportamentais tão diferentes quanto a natureza humana pode oferecer.

Os problemas de se identificar com crianças de diferentes origens, [...] os problemas de rejeição de crianças consideradas desagradáveis ou estranhas, e os problemas de alcançar a empatia são múltiplos. Os cursos de filosofia educacional e psicologia, como atualmente ensinados, não preparam esses professores para o desafio de seu trabalho.⁵⁸ (CLARK, 1965, p. 134).

Clark, o psicólogo, tinha fé na competência de muitos professores, mas como pôde constatar, alguns profissionais da educação não haviam sido preparados para públicos escolares de múltiplas identidades e privações⁵⁹. A conformação escolar ainda representava uma confortável tônica onde a empatia⁶⁰ não se instalava no convívio como ‘mão dupla’: estudantes se adaptavam aos professores e não o contrário.

Outro obstáculo docente importante

a ser trabalhado é o apego às explicações do baixo desempenho escolar das ‘minorias’, contingências ou dos estudantes economicamente menos favorecidos. As privações culturais ou econômicas, ao tornarem-se falsas elucidações docente concernentes ao nível de competência de um aluno, cristalizam sua realidade sem ‘explicações’ e ações para a mudança. De acordo com Clark (1965, p. 127) o uso de privações para entender os estudantes ocasiona atrofia educacional, ou seja, *determina* baixas expectativas que desaguam na profecia autorrealizável.⁶¹

Clark (1965, p. 148) justifica a importância da realidade do aluno, seja ela qual for, porque para ele “As escolas são instituições destinadas a compensar a ‘privação cultural’. Se isso não fosse verdade, não haveria necessidade de escolas”.⁶² (CLARK, 1965, p. 148). A privação cultural não tem serventia ao se tornar um atestado de baixa competência individual e comunitária daqueles menos favorecidos, marginalizados ou discriminados. Ao se entender a estrutura social que desembocou nas privações de toda ordem, importa agir. A questão não é ‘o que podemos

⁵⁸ “The problems of identifying with children of different backgrounds [...] the problems of rejection of children deemed unappealing or alien, and the problems of achieving empathy are multiple. Courses in educational philosophy and psychology as presently taught do not prepare these teachers for the challenge of their job”.

⁵⁹ Clark percebeu o atraso das abordagens públicas infantis em diversos âmbitos, tais como na educação, psicologia e medicina. Para Clark (apud MARKOWITZ; ROSNER, 1996, p. 65) “[...] a abordagem médica psiquiátrica tradicional dos transtornos emocionais e comportamentais das crianças - embora possa dar certo para as crianças brancas de classe média e os ricos - tinha que passar por um exame e uma modificação bastante sérios, se alguém estivesse tentando ajudar as crianças que estavam sofrendo de privação econômica, social e racial”. “[...] the traditional psychiatric, medical approach to emotional and behavioural disorders of children – while it might be all right for middle-class white children, and affluent – had to undergo rather serious re-examination and modification, if one were trying to help children who were suffering from economic, social, and racial deprivation”. Essa consideração pontual se estendia para a formação de professores, psicólogos e qualquer pessoal habilitado para o apoio infantil.

⁶⁰ “O papel da empatia, a compreensão e identificação de um professor com seus alunos em extrair o máximo desempenho acadêmico deles, é uma importante questão educacional que deve ser estudada sistematicamente. O problema da empatia e da identificação entre os estudantes negros e seus professores é complexo em uma sociedade essencialmente racista”. (CLARK, 1965, p. 132). “The role of empathy, the understanding and identification of a teacher with his students in eliciting maximum academic performance from them, is an important educational question which should be studied systematically. The problem of empathy and identification between Negro students and their teachers are complex in an essentially racist society”.

⁶¹ “*Educational Atrophy: The Self-fulfilling Prophecy*”.

⁶² “Schools are institutions designed to compensate for “cultural deprivation.” If this were not true there would be no need for schools”.

esperar' das crianças privadas de educação, mas o que podemos e devemos fazer. Relativo à privação dos estudantes e a raça, Clark (1965, p. 147) ponderou: "Assumir que as crianças negras são inerentemente inferiores ou que a inferioridade ambiental é responsável pelo baixo desempenho escolar é educacionalmente irrelevante - e até falso".⁶³ O desmoronamento educacional está nas eleições de impedimentos, dos quais o entendimento docente pode repousar ao explicar as dificuldades de aprendizagem dos alunos segundo a suposta ou imposta autolimitação deles. Ao invés de conceber e julgar, a escola também precisa ser senciante, tocando a realidade.

A suposição de inferioridade pode ser o fato controlador que restringe a capacidade de resposta educacional das crianças à suposta experiência educacional. A este respeito, a inferioridade racial e a inferioridade cultural têm consequências educacionais práticas idênticas. Esse pode, portanto, ser o principal obstáculo - o sutil e insidioso obstáculo humano - que deve ser superado para que as crianças de status inferior sejam educadas até o nível de eficiência necessário para colocá-las em um papel útil e criativo na sociedade.⁶⁴ (CLARK, 1965, p. 147).

Ora, trabalhar com um grupo de estudantes cujas dimensões sociais, emocionais e cognitivas estão plenas e satisfeitas não condiz a arte da docência, mas ao seu comodismo. O estado desafiador do 'ser professor', isto é, a ontologia do

'mestre' está na intervenção muito possível dentro da sala de aula.

3.1 Competitividade escolar

Para Kenneth Clark existem muitos campos em que as escolas não lograram assumir uma direção saudável em favor da sociedade. Uma das facetas escolares lesivas para Clark está na disposição dos colegas/estudantes como rivais. Ele denuncia que algumas escolas têm "[...] presenciado em silêncio e facilitado o processo de impiedosa competência na educação, desde os primeiros até os últimos níveis. Nesse processo fica excluída a possibilidade de empatia, de interesse pelo colega [...]"⁶⁵ (CLARK, 1976, p. 52).

O mérito e a concorrência para o maior desempenho podem estar claramente supracitados no discurso institucional de algumas escolas: o rendimento escolar nivelado exclusivamente em conceitos e em perspectivas não solidárias (individualistas). Esta pedagogia da competência, em que se busca o 'melhor', torna outros aspectos (puramente cognitivos) como o 'todo' da escola, isto é, seria uma escola que não sente a realidade, mas apenas conceitua e classifica. Clark (1976, p. 52) enfatiza que "[...] nossas crianças aprendem, pelas demandas de seus professores e a insistência de seus pais, que a educação significa competência e que a inteligência é um aparato que serve para alcançar posições superiores e obter vantagens econômicas sobre os demais".⁶⁶ A concentração na busca ávida

⁶³ "To assume that Negro children are inherently inferior or that environmental inferiority is responsible for poor school performance is educationally irrelevant - and even false".

⁶⁴ "The assumption of inferiority might be the controlling fact which restricts the educational responsiveness of children to the alleged educational experience. In this regard, racial inferiority and cultural inferiority have identical practical educational consequences. This might, therefore, be the chief obstacle - the subtle, insidious human obstacle - which must be overcome if lower-status children are to be educated up to a level of efficiency necessary to bring them within a useful and creative role in society".

⁶⁵ "[...] presenciado en silencio y facilitado el proceso de despiadada competencia en la educación, desde los primeros hasta los últimos grados. De tal proceso quedan excluidas la posibilidad de empatía, de interés por el colega [...]"

⁶⁶ "[...] nuestros niños aprenden, por las demandas de sus maestros y la insistencia de sus padres, que la

de posições reconhecidas socialmente como superiores classifica e orienta desde cedo os afetos das crianças de acordo com a competência. O senso de competição não significa um protagonismo exclusivo de algumas escolas, mas também de muitos lares. Todavia, cabe a pergunta: o que é uma posição superior para cada estudante? As consequências de uma posição superior necessariamente produziram indiferença aos outros?

Para Clark (1976, p. 52), o disfarce de eficiência “[...] tem contribuído a reduzir o processo educativo ao nível da simples retenção de conteúdo que se requer para alcançar a qualificação necessária dos exames diante das juntas dos colégios ou os que conduzem a graduação”.⁶⁷ As palavras de Clark foram proferidas algumas décadas atrás. Contudo, percebemos o quanto do que o psicólogo norte-americano vivenciou em seu incipiente país imperialista se replica em nações ditas emergentes, tais como o Brasil. Suas preocupações envolviam uma carência muito sentida: a educação dos afetos. Por isso, a “[...] pessoa verdadeiramente educada é aquela que aprendeu a entrelaçar sua inteligência com seus sentimentos de modo a formar um todo disciplinado”.⁶⁸ (CLARK, 1976, p. 59). A competição leva a um mal uso da inteligência. A integralidade de inteligência com afetos era o vazio escolar que os Clark denunciavam.

3.2 Olhar crítico para a tecnologia

Ao perceber já em sua época o deslumbramento com a tecnologia, Clark percebe a sacralização das esferas do saber. Em nossa época “[...] nossos deuses são a inteligência, a ciência e a tecnologia”.⁶⁹ Para ele, o ser humano quando plasmado na tecnologia “[...] aparece agora como prisioneiro vitorioso de sua própria inteligência”.⁷⁰ (CLARK, 1976, p. 43). Competir, ser individualista e vencer são atributos de uma inteligência que se esqueceu da ética e da empatia. É necessário “[...] encontrar algum meio, no curso do processo educativo dos seres humanos, para imbuí-los a sensibilidade moral como parte integral da complexa configuração da inteligência [...]”.⁷¹ (CLARK, 1976, p. 48). A inteligência, a ciência e a tecnologia necessitam das humanidades para que o ser humano seja resgatado da *periferia* que ele próprio criou.

4 INTERLÚDIO: O EXEMPLO MIDIÁTICO NO BRASIL

A visibilidade ou invisibilidade de outras raças na mídia influi o desenvolvimento infantil. No que segue, a representatividade denota um sinal de saúde no psiquismo das crianças. Um exemplo icônico é a imagem de uma criança brasileira de quatro anos. Esse menino

educación significa competencia y que la inteligencia es un aparato que sirve para alcanzar posiciones superiores y obtener ventajas económicas sobre los demás”.

⁶⁷ “[...] el disfraz de la eficiencia y a expensas del pensamiento crítico y reflexivo, las demandas de la educación en masa y la presión de la limitación de las instalaciones de nuestros colegios han contribuido a reducir el proceso educativo al nivel de la simple retención del contenido que se requiere para alcanzar la calificación necesaria en los exámenes ante las juntas de los colegios o los que conducen a la graduación”.

⁶⁸ “La persona verdaderamente educada es aquella que ha aprendido a entrelazar su inteligencia con sus sentimientos a modo de formar un todo disciplinado”.

⁶⁹ “[...] nuestros dioses son la inteligencia, la ciencia y la tecnología”.

⁷⁰ “El hombre aparece ahora como prisionero victorioso de su propia inteligencia”.

⁷¹ “[...] encontrarse algún medio, en el curso del proceso educativo de los seres humanos, para imbuirles la sensibilidad moral como parte integral de la compleja configuración de la inteligencia [...]”.

[...] fotografado pelos pais feliz da vida ao lado de um boneco do Finn, personagem de *Star Wars*, ganhava as redes sociais. A foto não apenas viralizou nas redes brasileiras, como chegou a John Boyega, ator norte-americano que interpretou o herói no filme *O despertar da Força*. (MIELKE, 2017, p. 7).

A identificação de si próprio em uma grande produção cinematográfica e em um boneco é um aspecto salutar no meio de tantos outros brinquedos e filmes que não representam as características de grande parte da população infantil brasileira. Quantos bonecos ou bonecas de raças diferentes do padrão branco ocidental existiam vinte ou trinta anos atrás? Este recorte da realidade de um menino brasileiro “[...] consolida o que os negros já vêm há muito tempo dizendo: representatividade importa sim! Não apenas na televisão e no cinema, como também na publicidade, na literatura e na própria produção dos brinquedos”. (MIELKE, 2017, p. 7). O inverso da representatividade é a indiferença como um vazio prático afetivo que inicia na infância podendo se desdobrar até a idade adulta. De forma simples, o menino brasileiro fascinado pelo herói negro de *Star Wars* “[...] quis comprar o boneco porque “se parecia com ele”. (MIELKE, 2017, p. 7). A mídia e a indústria propagaram e muito imagens em que um grande número de crianças não se reconhecia. Destarte, as identificações são escassas quando não inexistentes para o psiquismo infantil. De acordo com o vazio midiático “[...] a criança negra afasta-se de si própria, de sua raça, em sua total identificação com a positividade da brancura”. (BHABHA, 2007, p. 118 apud MIELKE, 2017, p. 8).

5 DISCUSSÃO

O preconceito enquanto conceito que pretensamente concebe e julga a realidade está relegado à inteligência concipiente que pouco sente a realidade das pessoas e das coisas. A inteligência concipiente trata “[...] não de que um sujeito tenha a atividade de conceber, mas de que o conceito, tomado unitariamente, é em si mesmo uma coisa viva, cuja atividade é justamente conceber”.⁷² (ZUBIRI, 2016, p. 258). As graves consequências de as pessoas tomarem os conceitos em vez da realidade demonstra o anseio humano por esperar dos conceitos as respostas que apenas a realidade pode dar. Dar vida e autonomia incondicional ao conceito é conceber a realidade antes dela. Conceitos que sustentam a inferioridade de raças não conferem nenhuma atribuição senciente e, portanto, estão fora da atualização da realidade. O pensamento concipiente “Envolve uma contradição no momento em que consideramos aquele movimento como concluído, como fixo, chegando a um repouso”.⁷³ (ZUBIRI, 2016, p. 280). Aqui está a égide da inteligência concipiente, a saber, conservar os seres fechados em alguma definição, correndo o risco de patrocinar o mal comum. Temos abaixo um exemplo disso que adveio das pesquisas do casal Clark:

As respostas de 100 por cento de realidade das crianças claras representam a decisão dos autores de classificar sua coloração de si mesmos como branco ou amarelo como uma resposta de realidade – uma vez que tal resposta parece ser uma indicação do conceito de realidade da criança, com base em um fato perceptivo concreto.⁷⁴ (CLARK; CLARK, 1950, p. 344).

⁷² “[...] se trata, no de que un sujeto tenga la actividad de concebir, sino de que el concepto, unitariamente tomado, es en sí mismo una cosa viva, cuya actividad es precisamente el concebir”.

⁷³ “Envuelve una contradicción en el momento en que ese movimiento lo considerásemos como concluso, como fijo, llegando a un reposo”.

⁷⁴ “The 100 per cent reality responses of the light children represent the authors’ decision to classify their

Contrariando a assertiva, as crianças brancas tiveram um acerto de 100% ao se identificarem com a cor branca, mas não porque elas são brancas e sim porque existe uma inundação de negação da impressão de alteridade, ou seja, carência de vivência, circulação, mídia e convivência com outras raças, além do tratamento inferior dado para tudo o que foi batizado de diferente. A possível não identificação de crianças brancas com a cor branca muito bem poderia atestar que suas realidades seriam no mínimo legitimamente interculturais, recíprocas e dialógicas com qualquer outra diferença.

O ser humano ao partir da realidade garante a sua estrutura dinâmica e difere do conceito enquanto princípio. Nesse interm, a compreensão docente que não acolhe a sociologia da pobreza e o racismo institucional nada produz no aluno, consistindo em estilo mental catedrático que não toca a realidade. Essa inteligência aplicada à escola concebe e julga, encerrando-se em conceitos longe da realidade e, portanto, configura-se em uma inteligência concipiente. Tomar os conceitos antes da realidade torna, por exemplo, racismo e pobreza como meras contingências sem relação com o todo. Quando moralmente julgamos através de preconceitos, avaliamos pessoas ou situações com fortes idiosincrasias. Cabe pensar se realmente julgamos ou nos acomodamos ao preconceito que sociológica e historicamente já julgou e concebeu por nós.

Percebe-se que em diversas facetas “[...] o preconceito desempenha um grande papel na coisa social”. (ARENDDT, 2002, p. 30). Além disso, a representação mental de preconceitos não é necessariamente formada por fundamentações intelectivas. Há um automatismo histórico que movimenta o preconceito, valorizando determinadas condutas ou pessoas e desprezando outras. A retroalimentação do

preconceito perpetua sua vigência como conduta formativa de indivíduos e comunidades, separando e discriminando-as. Com relação a isso, “[...] o preconceito diferencia-se do mero boato que não sobrevive ao dia ou à hora do rumor e no qual reina uma grande confusão”. (ARENDDT, 2002, p. 30). O preconceito difere do boato sensacionalista justamente por estar carregado e emaranhado historicamente.

Em termos psicodinâmicos, o preconceito se orienta por uma inteligência que não sente realidade. As visões de mundo e ideologias das quais os preconceitos estão embutidos via inteligência concipiente tem poder maior que fatos que as contradigam. Por vezes há uma insuficiência para a desmontagem do que reiteradamente é prejudgado e concebido. As falhas de parâmetros cívicos tornam-se, no comportamento das pessoas, critérios fixos e evidentes.

A pessoa, subordinada aos esquemas gerais culturais e midiáticos, guia-se por concepções da realidade não pensadas por ela. A sensibilidade de alguns indivíduos ou comunidades crentes no discurso das superioridades e inferioridades de raça transtorna-se, tratando algumas pessoas como pessoas e outras como ‘objetos’. Concluímos que o verdadeiro juízo necessita de parâmetros dialogais. O indivíduo que sofre preconceito é desumanizado, alienado e tratado como uma ‘abstração’ desprovida de afeto e corpo. A alienação de quem emite o preconceito está justamente no desconhecimento de profundidade e realidade de cada pessoa. Os julgamentos são proferidos e concretizados socialmente, privilegiando algumas pessoas para o usufruto de estruturas sociais e excluindo ou tentando impedir outras; a empatia configura-se em apenas uma grande ausência entre outras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teste das bonecas revelou que crianças brancas e negras demonstravam preferências pelas bonecas brancas e uma rejeição daquelas de outra cor. Aos três anos de idade, a criança tem consciência das raças e já

coloring of themselves as white or yellow as a reality response – since such a response appears to be an indication of the child’s concept of reality, based upon a concrete perceptual fact”.

começa a sentir preconceitos. Isso comprova que desde muito cedo as crianças sentem a realidade, depositando e recebendo significados modulados de forma negativamente concipiente pelo entorno. Como nessa tenra idade as crianças ainda não possuem um uso elaborado da razão, o que as toca não são os conceitos, mas a realidade. Essa realidade é uma lógica insana, moldada por uma inteligência concipiente doentia, tornando-se impressão primordial de realidade para crianças já com três anos. A inteligência senciente infantil capta as situações espaciais de forma impressiva, refletindo o estado sociológico que se encontram, ou seja, a realidade. A produção de insanidade de uns também o é de outros, ou seja, “O destino de qualquer grupo [...] está ligado ao destino de todos os demais seres humanos. Nenhuma solução a crise contemporânea resultará válida para alguns seres humanos se nega-se a outros”.⁷⁵ (CLARK, 1976, p. 46). Isto é, a sociedade carece de alteridade, vivendo no bloqueio de seus sentidos e nas escolhas centralizadas no horror da ‘mesmidade’.

REFERÊNCIAS

ALSBROOK, A. A tribute to Kenneth B. Clark. 2005. *In: AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). Remembering our past.* 2005. p. iii-xx. [Visualizar item](#)

ARDAO, A. **Espacio e inteligencia.** Caracas: Editorial Equinoccio, 1983.

ARENDT, H. **O que é política?** 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CLARK, K. B. **Dark Ghetto.** New York: Harper & Row, 1965.

_____. **El patetismo del poder.** México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1976.

_____.; CLARK, M. P. Emotional factor in racial identification and preference in Negro children. **Journal of Negro Education**, v. 19, n. 3, p. 341-350, Summer, 1950. [Visualizar item](#)

FEYERABEND, P. K. **A conquista da abundância: uma história da abstração versus a riqueza do ser.** São Leopoldo: Unisinos, 2006.

FIGUEIREDO, I. **Caderno de memórias coloniais.** São Paulo: Todavia, 2018.

GERRIG, R. J.; ZIMBARDO, P. G. **A psicologia e a vida.** 16. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HOLLIDAY, B. G. Introduction. *In: AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). Remembering our past.* 2005. p. i-ii. [Visualizar item](#)

JORDAN, P.; HERNANDEZ-REIF, M. Reexamination of young children’s racial attitudes and skin tone preferences. **Journal of Black Psychology**, v. 35, n. 3, p. 388-343, Aug. 2009. [Visualizar item](#)

LEVANT, R. APA President eulogizes 20th Century’s most influential Psychologist, Kenneth B. Clark, PhD. *In: AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). Remembering our past.* 2005. p. xi-xiii. [Visualizar item](#)

MARKOWITZ, G.; ROSNER, D. **Children, race, and power: Kenneth and Mamie Clark’s Northside Center.** Charlottesville: University Press of Virginia, 1996.

MIELKE, A. C. Negros e mídia: invisibilidades. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 10, n. 114, p. 7-8, 2017. [Visualizar item](#)

⁷⁵ “El destino de cualquier grupo [...] está ligado al destino de todos los demás seres humanos. Ninguna solución a la crisis contemporánea resultará válida para algunos seres humanos si se les niega a otros”

SANTOS, M. Os deficientes cívicos. *In*:
_____ (org.). **O país distorcido: o**
Brasil, a globalização e a cidadania. São
Paulo: Publifolha, 2002. p. 149-152.

ZUBIRI, X. **Escritos menores**. Madrid:
Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri,
2007.

_____. **Inteligência e realidade**. São
Paulo: É Realizações, 2011.

_____. **Los problemas fundamentales**
de la metafísica occidental. Madrid:
Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri,
2016.

Recebido em: 31/05/2022

Aceito em: 10/06/2022